

# Periodismo, mística e política: José Carlos Mariátegui entre 1914 e 1919

SYDNEI MELO\*

“Minha alma partiu desde muito cedo em busca de Deus”, afirmou Mariátegui a Angela Ramos, em 1926.<sup>1</sup> Neste momento, o Amauta já era bem conhecido por suas orientações socialistas. Um ano antes, publicara seu primeiro livro, *La Escena Contemporánea*, e proferira discursos sobre a “História da crise mundial”. Havia quatro anos desde seu retorno da Europa, em março de 1923, de onde vinha com a convicta tarefa de construir o socialismo no Peru.

As palavras de Mariátegui nesta entrevista poderiam soar estranhas, no entanto, àqueles que tendiam a enxergar claras mudanças de orientação em suas ideias e convicções. Questionado sobre como teriam se modificado seus rumos e suas aspirações literárias, Mariátegui alegou que, no fundo, não estava convicto de haver mudado. Era uma questão de trajetória e de época: “Amadureci, mais do que mudei. O que existe em mim agora existia embrionária e potencialmente quando tinha vinte anos e escrevia disparates dos quais não sei por que os leitores se recordam” (Mariátegui, 1987b, p.154).

Este período a que Mariátegui se refere – sua produção jornalística de 1914 a 1919 – é recordado também em carta encaminhada ao argentino Samuel Glusberg, em 10 de janeiro de 1928, estabelecendo de modo bem mais objetivo uma ruptura com seus escritos de juventude:

[...] comecei como ajudante num jornal. Até 1919 trabalhei no jornalismo, primeiro na *La Prensa*, depois em *El Tiempo* e, finalmente, em *La Razón*. Neste último

\* Doutorando em Ciência Política do IFCH/Unicamp. E-mail: sydneimelo@gmail.com

<sup>1</sup> *Mundial*, Lima, 23 de julho de 1926.

jornal patrocinamos a reforma universitária. A partir de 1918, nauseado com a política *criolla* [...], voltei-me resolutamente ao socialismo, rompendo com minhas primeiras experiências de literato contaminado de decadentismo e bizantinismo finisseculares, em pleno apogeu. (Mariátegui, 1994, p.1875; 2005, p.135)

Entre o “amadurecimento das ideias” exposto na entrevista de Mariátegui a Angela Ramos, e a afirmação da “ruptura” relatada na carta a Samuel Glusberg, este último olhar parece ter sido o mais bem recebido pelos estudiosos de sua obra – recepção esta certamente reforçada pelas próprias palavras de Mariátegui, que teria classificado o período de 1914 a 1918 como sua “*edad de piedra*”.<sup>2</sup> Não foi por menos que as *Obras Completas* de José Carlos Mariátegui, primeiro trabalho de reunião de textos do autor, não incluíram os escritos anteriores a 1919, devido a um posicionamento editorial que não reconhecia qualquer acréscimo ou contribuição dos textos desta época à compreensão das ideias do autor (cf. Mariátegui, 1987a, p.5). Se a maioria dos estudiosos enxergava a existência de duas etapas no desenvolvimento intelectual de Mariátegui – a “*edad de piedra*”, primeiramente, e, em segundo lugar, a “*edad revolucionaria*”, referente a sua afirmação marxista –, isto se converteu em um detido interesse sobre os escritos do Amauta posteriores ao seu retorno ao Peru (pós-1923) e uma reduzida curiosidade sobre seus escritos de juventude.

Todavia, trabalhos interessados no resgate desta primeira etapa intelectual da vida de José Carlos Mariátegui foram, aos poucos, se apresentando. Segundo Flores Galindo (1982, p.120-121), Edmundo Cornejo inauguraria estes estudos em 1955, propondo uma antologia de textos sob o título de *Páginas literarias*. Entre reuniões de textos e promoção de análises, se acrescentariam a esta empreitada os trabalhos de Anibal Quijano, em 1956; Hugo Neira, em 1960; Carnero Checa, em 1964; Diego Messeguer Illán, em 1974; Jeffrey Klaiber, em 1977; e Guillermo Rouillon, sempre lembrado por vários estudos contemporâneos como autor de uma das mais completas biografias sobre o Amauta, *La creacion heroica de José Carlos Mariátegui*, de 1975. O amplo conjunto de escritos de Mariátegui produzidos na “*edad de piedra*” só seria finalmente reunido para publicação na década de 1980, por meio do dedicado esforço de Alberto Tauro, sob o título de *Escritos juveniles*: oito tomos de poesias, contos, crônicas, textos teatrais, entrevistas e artigos que ofereceriam aos novos pesquisadores um instrumento mais qualificado para a compreensão do significado das ideias e dos escritos do jovem Mariátegui. Novos estudos resultaram desde então, como os de Oscar Terán e os do próprio Alberto Tauro, nos anos de 1980;<sup>3</sup>

2 O termo é atribuído a Mariátegui, sem haver, no entanto, um registro da expressão na obra do Amauta. A informação de que Mariátegui se valia desta classificação é registrada pelos editores dos *Escritos juveniles* (cf. Mariátegui, 1994, p.2110).

3 Oscar Terán dedica reflexões à compreensão do jovem Mariátegui em seu *Discutir Mariátegui*, de 1985. Tauro, além de organizador dos *Escritos juveniles*, é autor de um “estudo preliminar” publicado na mesma obra.

os de Ricardo Portocarrero Grados, na década de 1990;<sup>4</sup> e os de Mónica Bernabé, Fernanda Beigel e Monica Bruckmann, nos anos 2000.<sup>5</sup>

O reconhecimento da importância desta primeira fase da obra de Mariátegui nos parece fundamental. Não se trata, evidentemente, de associar as ideias socialistas defendidas por ele na década de 1920 a seus escritos da década anterior. O que nos parece claro, corroborando a preocupação de Guillermo Rouillon, é que a inquietude do jovem Mariátegui permite explicar suas posições revolucionárias futuras, bem como suas preocupações provenientes dos acontecimentos da Revolução Russa de 1917, que influenciarão suas posições políticas. Concordamos que sua obra não pode ser bem explicada sem um atento exame dos anos de sua mocidade e dos complexos problemas que enfrentou (Rouillon, 1975, p.13). Reconhecendo o rigor da sua autocrítica quanto aos escritos juvenis, cabe-nos, porém, resgatar este passado como um passo necessário à compreensão de suas ideias.

Nascido em 1894, Mariátegui sempre teve uma saúde frágil, que o levou a viver uma infância longe do ambiente escolar. Quase reduzido a uma vida monástica, o menino demonstrará predileção à leitura, com espantosa voracidade, indicando especial interesse pela poesia e pela literatura, e ensaiando também pequenos artigos e poemas (Rouillon, 1975, p.55-56). Lendo e relendo diversas obras, ele ainda cedo começaria a aguçar seu senso crítico e a desenvolver interesse pelo estudo da língua francesa, iniciando, assim, um caminho autodidata, marca profunda de seu desenvolvimento intelectual e que reivindicará, quando adulto, de modo veemente (cf. Mariátegui, 1994, p.1875-876).

O ambiente familiar em que ele crescia era humilde e marcado por grande fervor religioso, especialmente por parte de sua mãe.<sup>6</sup> Sua curiosidade em relação aos grandes nomes da literatura da época era notada pelas famílias para quem sua mãe trabalhava como costureira, que gentilmente lhe emprestavam diversos dos livros lidos pelo jovem na época, além dos volumes com que tinha contato na biblioteca deixada pelo pai<sup>7</sup> (Rouillon, 1975, p.58, 68). Já na adolescência, observando a crescente fragilidade da saúde de sua mãe, José Carlos decide buscar um emprego para auxiliá-la. Em 1909, ele assumiu seu posto como entregador e trabalhador das gráficas de *La Prensa*.<sup>8</sup>

4 Ricardo Portocarrero publicou três artigos em 1994 sobre o jovem Mariátegui, e apresentou em 1997 tese intitulada *Intelectuales y sociedad en la Lima de principios de siglo: el caso del joven Mariátegui*.

5 A tese de Mónica Bernabé (2004), sobre a literatura peruana nos princípios do século XX, dedica um capítulo à “*edad de piedra*” de Mariátegui. Fernanda Beigel (2006) também apresenta um capítulo a respeito do período em seu estudo sobre as iniciativas editoriais do intelectual peruano ao longo de sua vida; assim procede também Monica Bruckmann (2009) em seu estudo sobre a relação de Mariátegui com a imprensa.

6 Mariátegui era filho de Maria Amalia La Chira Ballejos (1860-1946), mestiça e camponesa, de educação religiosa, fervorosamente católica.

7 José Carlos era filho de Francisco Javier Mariátegui y Requejo (1849-1907), descendente de uma aristocrática família de liberais de Lima.

8 Diário de tendência liberal, *La Prensa* foi fundada em 1903 por Pedro de Osma. Entre 1908 e 1912, encampou persistente oposição ao então presidente Augusto B. Leguía.

## A “República Aristocrática”

As atividades jornalísticas de Mariátegui, entre 1914 e 1918, se dão no interior de uma conjuntura política de hegemonia e declínio do poder civilista no Peru, a chamada “República Aristocrática”, que data da segunda eleição presidencial de Nicolás de Piérola (1895) até o início do *oncenio* de Augusto Leguía (1919-1930). Exceto durante o governo de Guillermo Billinghurst (1912-1914),<sup>9</sup> os políticos do Partido Civilista estiveram sempre próximos ou dominando diretamente o poder, mesmo que isto não representasse a completa unidade partidária em torno da figura política eleita, como ocorreu com Augusto Leguía em seu primeiro mandato (1908-1912).

Economicamente, o país vivia um processo de modernização e de mudanças sociais e urbanas. O ingresso do capital estrangeiro se fortalecia, o país aumentava sua exportação de matérias-primas para os grandes centros industriais do hemisfério norte e se forjavam novas estruturas de produção que pudessem superar os efeitos da derrota peruana na Guerra do Pacífico (1879-1883). A agricultura também era reorganizada e dinamizada para beneficiar a economia de exportação, especialmente de açúcar e algodão.

Crescia assim, no Peru, a dependência de economias estrangeiras. A burguesia local – comercial e rural – teria poucas possibilidades para avançar a uma “revolução industrial” no país. O domínio político da oligarquia civilista, sustentado até 1919, de certo modo se daria sob a inserção cada vez mais intensa do capital estrangeiro e sob o fortalecimento do poder econômico e político dos donos das *haciendas*: a modesta diversificação econômica e industrial da década de 1900 teria vida razoavelmente curta por conta de uma recessão entre 1907 e 1908, beneficiando o poder dos latifundiários. No entanto, apesar de a conjuntura ser de contínuo enfraquecimento da burguesia nacional, a maioria dos membros da oligarquia civilista ascendente aparentemente não fazia qualquer objeção à influência estrangeira – segundo Klarén (2008, p.342), possivelmente devido à mentalidade dominante, neste grupo, de exaltação do “ocidental” e de rejeição do nativo, do “peruano”, justificada, em certa medida, pela presença do pensamento positivista.

O caminho à consolidação de um Estado oligárquico verdadeiramente nacional também era nebuloso: não apenas a própria classe dirigente, a oligarquia civilista no poder, era regionalizada, mas também as *haciendas* representavam um importante obstáculo à formação do Estado nacional, na medida em que o próprio Estado compelia os seus administradores a depender dos senhores e de seus aliados para a manutenção da ordem e para governarem no plano local, ilustrando sua inerente fraqueza (Burga; Flores Galindo, 1981, p.89; Klarén, 2008, p.344). Não bastasse isto, os encraves de mineração e açúcar, controlados por estrangeiros, se transformaram em entidades autônomas, imunes à autoridade do Estado oligárquico quando seus respectivos interesses divergiam. Mas, mesmo com estas limitações,

9 Billinghurst foi deposto por um golpe militar em 1914. No ano seguinte, José Pardo assumiu o poder (Klarén, 2008, p.359-361).

a oligarquia manteve seu domínio político, beneficiado em grande parte pela pequena e “dependente” classe média, e pela contínua heterogeneidade das classes populares, ainda divididas e com limitado senso de identidade ou solidariedade de classe<sup>10</sup> (Klarén, 2008, p.345).

Era rígida e hierarquizada a sociedade da “República Aristocrática”. A conservação do poder político oligárquico trazia à classe dominante a sensação de viver em uma ordem social eterna e imóvel. A pertença à classe dominante não se fazia apenas pelo viés das posses econômicas, mas também através dos vínculos parentais e do estilo de vida – ou seja, além de critérios de “classe”, somavam-se outros de tipo “estamental” (Burga; Flores Galindo, 1981, p.88). A vida cotidiana era ritualizada<sup>11</sup> e a família ocupava um lugar central na sociedade à medida que era vista como depositária do patriotismo e garantia do futuro nacional. Mariátegui reclamava em suas crônicas parlamentares das rotinas políticas da cidade de Lima: “não acontece nada”, “nenhuma novidade”, e outras frases similares que permitem a Flores Galindo (1982, p.82) atestar a monotonia e o tédio como componentes essenciais da “República Aristocrática”.

As mudanças econômicas promovidas sob domínio civilista, contudo, também forjavam mudanças e novas questões sociais no Peru dos 1900 e 1910. A capital do país refletia, através de seu crescimento demográfico, sua condição de centro financeiro e administrativo da economia de exportação em crescimento. Na mesma medida, crescia também a força de trabalho, com a formação de uma classe trabalhadora vinculada principalmente ao processamento de alimentos e à indústria têxtil (cf. Blanchard, 1982, p.11-12). Não demoraria, assim, a surgirem os primeiros sinais de um movimento trabalhista organizado – a Federação de Trabalhadores da Panificação, criada em 1905, seria uma das primeiras organizações do tipo a surgir no país, reivindicando especialmente a redução da jornada de trabalho. O caráter de militância anticapitalista do movimento trabalhista seria inspirado, de fato, pelos anarquistas, culminando em 1911 na primeira greve geral da história do país (Klarén, 2008, p.348). E essa classe trabalhadora não se formaria apenas em Lima. Além do porto de Callao – associado à capital do país –, grandes enclaves proletários surgiriam na extensão da costa norte peruana, especialmente no setor rural de exportação, com mais ênfase na indústria do açúcar. Por outro lado, surgiam no mundo rural formas de contrato de trabalho que combinavam traços pré-capitalistas de trabalho forçado às novas exigências da agricultura capitalista de mão de obra assalariada – o chamado *enganche*.<sup>12</sup> No sul, as lavouras de algo-

10 Klarén explica (2008, p.345): “A raça, a etnia, a língua (os índios falavam quíchua e aimará), a geografia e o caráter fragmentado da sociedade rural, tudo atuava para dividir as massas, dando condições à classe governante de exercer um certo controle sobre o país”. O autor observa, porém, que durante a “República Aristocrática” o que houve foi um controle tênue, nunca absoluto.

11 Mariátegui (1994, p.2181) registra suas impressões em versos: “Minha vida neste instante tem um vulgar teorema: / às seis da tarde, o landó e o cinema, / às sete o tédio e às oito o *cocktail*”.

12 Os *enganchados* eram normalmente índios e mestiços contratados mediante pagamento adiantado, o que estimulava uma situação de escravidão por dívida (Klarén, 2008, p.349).

dão se expandiam, ameaçando comunidades indígenas e o conjunto da população camponesa que, diante da monopolização da terra e dos recursos naturais pela nova burguesia rural, viu-se obrigada a migrar para as grandes lavouras e também para as atividades de mineração. Esses migrantes, junto aos pequenos proprietários cujas propriedades foram absorvidas pelas grandes fazendas, passaram a constituir um novo proletariado rural. O resultado, após a Primeira Guerra Mundial, seria a ampliação dos círculos trabalhistas e o aumento das agitações operárias:

No final da Primeira Guerra Mundial, quase 30 mil pessoas trabalhavam nos engenhos de açúcar e quase 35 mil nas fazendas de algodão, uma massa crítica que logo foi atraída pelo movimento trabalhista que estava começando a galvanizar a classe trabalhadora em Lima. Algumas doutrinas, principalmente as anarcossindicalistas, espalharam-se para o norte da capital, penetrando nas regiões de Huacho e de Trujillo. O resultado foi o alargamento do círculo de agitação trabalhista, que explodiu em greves violentas ao longo da costa em 1910, 1912, 1916 e 1919. (Klarén, 2008, p.351)

Assim, o poder civilista no Peru enfrentará, até 1919, diferentes problemas sociais e políticos: as divergências internas no Partido Civilista, que em diferentes momentos abalarão sua unidade, e o surgimento de conflitos sociais e trabalhistas no país, em seguida às mudanças econômicas levadas a cabo no processo de modernização da economia peruana desde 1895. As dificuldades tornam-se ainda mais claras na medida em que o Estado oligárquico demonstrou-se incapaz de dar respostas convincentes às crescentes tensões sociais, agravadas pela crise econômica pós-Primeira Guerra, quando o país era governado por José Pardo (1915-1919), adotando a máxima da repressão contra os movimentos populares do país.

### **Juan Croniqueur: primeiros passos**

Inicialmente atuando como trabalhador gráfico, para poucos meses depois passar à atividade de auxiliar de tipografia, Mariátegui é reconhecido por sua dedicação ao trabalho, bem como aos debates e discussões promovidos por seus colegas operários na gráfica. Nesta época, o anarquismo era o pensamento predominante entre os trabalhadores gráficos de Lima, e naturalmente Mariátegui se aproximaria dos núcleos de reflexão anarquista. Animado por José Campos, periodista de *La Prensa* por meio de quem teve seu primeiro contato com o órgão jornalístico, Mariátegui conhece pessoalmente Manuel González Prada e seu filho, Alfredo, com quem desenvolverá profícua amizade (Rouillon, 1975, p.77). Conhecido por sua radical crítica às elites políticas peruanas e à Igreja Católica desde os anos de 1870, Manuel González Prada abraçaria o anarquismo nos anos finais do século XIX, passando a contribuir com o então incipiente movimento de trabalhadores da cidade de Lima e tornando-se uma das principais referências doutrinárias dos operários e estudantes locais (Chavarría, 1970, p.265). Com um olhar de admiração

alimentado especialmente a partir do ângulo literário,<sup>13</sup> Mariátegui teve, em seu contato com González Prada e sua família, a abertura de um horizonte novo em sua formação intelectual, ampliando sua formação humanista a partir do aprofundamento de leituras poéticas e de narrativas contemporâneas relacionadas ao que havia de mais representativo da intelectualidade peruana da época.

A primeira publicação de Mariátegui em *La Prensa*, no entanto, se dá clandestinamente. À época, o jovem não tinha autorização para escrever ao jornal. Enviou, então, como se fosse um correspondente estrangeiro, o artigo “Crônicas madrileñas”, sob o mais tarde famoso pseudônimo de Juan Croniqueur.<sup>14</sup> A publicação do texto, em 24 de fevereiro de 1911, despertou confusão na redação de *La Prensa*. O diretor, Alberto Ulloa, iniciou uma ampla investigação para descobrir como o texto havia passado pelo controle do diário – afinal, quem poderia ser Juan Croniqueur? –, irritando-se ao descobrir que a travessura coubera ao jovem José Carlos,<sup>15</sup> que foi proibido de publicar qualquer texto sem a devida autorização da direção do jornal. O episódio, porém, evidenciou qualidades de escritor; foi o primeiro passo para uma participação mais efetiva no periodismo limenho.

A trajetória de Mariátegui em *La Prensa*, da gráfica ao jornalismo,<sup>16</sup> foi uma relevante experiência de formação intelectual, que o envolveu em calorosos debates sobre arte, literatura e política. O modernismo proporcionava então um clima de fecunda atividade cultural e artística, fortemente inspirado em Rubén Darío e José Enrique Rodó,<sup>17</sup> em ruptura com os valores estéticos vigentes e com profundo espírito contestador. O jovem Mariátegui, nesta época, dedicava-se não apenas à leitura de vários escritores da literatura universal como também, e sistematicamente, à leitura da imprensa internacional, além de participar das reuniões da direção de *La Prensa*, onde era discutida a realidade de seu país. Envolveu-se também, cada vez mais, com a vida cultural limenha: os cafés, os teatros e os círculos de debates promovidos pela boemia literária local.<sup>18</sup> Ele diria

13 Anos mais tarde, esclareceria o fato de a obra literária de González Prada lhe ser mais atraente do que suas ideias políticas anarquistas: “se nos sentimos afastados de muitas ideias de González Prada, não nos sentimos, por outro lado, afastados de seu espírito” (Mariátegui, 2007, p.220).

14 Tauro (1994, p.2121-2126) analisa os usos e a importância deste e de outros pseudônimos.

15 Alberto Ulloa, de fato, apenas acreditou que o autor do texto era realmente Mariátegui ao ter acesso a uma carta, escrita pelo próprio funcionário, marcada pelo mesmo estilo elaborado registrado no artigo em questão (Bruckmann, 2009, p.23).

16 Mariátegui assumiu seus primeiros trabalhos como periodista ao substituir Hermilio Valdizán, que era redator das crônicas policiais (cf. Rouillon, 1975, p.98)

17 O principal ensaio de Rodó, *Ariel* (1900), inspirou a reafirmação dos valores humanistas na cultura latino-americana e a resistência à onda de pessimismo que permeava o pensamento social. Neste sentido, também criticou o utilitarismo e a mediocridade democrática dos Estados Unidos. Mas apesar de aclamado idealismo, *Ariel* é escrito em moldes positivistas, revivendo uma concepção histórica de raça que não esclarece sua raiz (hispânica? indígena e negra? latina?) (Rodó, 1991, p.72). Segundo Hale (2009, p.385-386), essa ambiguidade seria ponto de partida para diversas tendências de pensamento no século XX.

18 Cabe notar que a formação autodidata de Mariátegui se dava em um ambiente, em sua maior parte, dominado pelo positivismo conservador de Javier Prado, Francisco García Calderón e José de La Riva Agüero, e também pelo pensamento de González Prada (Bruckmann, 2009, p.24; Rouillon, 1975, p.147).

mais tarde: “Em minha época de diarista, escrevia em qualquer parte e a qualquer hora”<sup>19</sup> (Mariátegui, 1987b, p.143). Sua atividade era febril, redigindo sobre assuntos tão diversos quanto os estilos de escrita que dominava: crítica literária e de arte, contos, poemas, crônicas, ensaios, peças de teatro etc. A maior parte da produção, porém, se concentraria nos artigos e nas crônicas. Ele confessaria, em meados de 1918, predileção pela vertente literária, devendo ao periodismo seu sustento econômico e seu reconhecimento público.<sup>20</sup> Mas esta atividade absorveria sua produção intelectual; em 1918, já não mais escrevia contos ou poesias. É relevante, porém, que de 1º de janeiro de 1914 a 22 de junho de 1918 compôs mais de 700 textos, atestando sua intensa dedicação à escrita (Flores Galindo, 1982, p.122). Ele escrevia regularmente em *La Prensa*, onde assumiu a função de cronista parlamentar, mas também colaborava com publicações menores, como *Mundo Limeño*, *El Turf* e *Lulú*.

Em 1916, ingressou no grupo *Colónida*, capitaneado por Abraham Valdelomar (1888-1919).<sup>21</sup> O grupo apresentava-se como um movimento de renovação e de ruptura dos cânones estéticos e dos valores da literatura nacional, denunciadas como portadoras de um espírito colonial, réplicas medíocres da literatura espanhola. Propunha novos modelos estéticos que tinham na obra de González Prada uma de suas principais fontes de inspiração. Representava um espírito de contestação, antiacadêmico, diante da influência conservadora e oligárquica reinante no ambiente intelectual e literário peruano.<sup>22</sup> No mesmo ano, divergências a respeito das orientações políticas de *La Prensa*, que trocou sua tendência liberal pelo apoio às posições oligárquicas do presidente José Pardo, já em seu segundo mandato (1915-1919), levaram Mariátegui a deixar aquele jornal, transferindo-se para *El Tiempo*,<sup>23</sup> onde continuou a atividade de cronista parlamentar na coluna “Voces”, que logo se tornou uma das mais lidas do país (Bruckmann, 2009, p.27). Naqueles anos, como assinalou Quijano (1982, p.37), eram intensos os debates parlamentares que culminariam no golpe de Augusto Leguía em julho de 1919. Além disso,

[...] eram também os anos da prédica wilsoniana, cujos ecos ressoavam também no Peru, junto com os das tempestades políticas europeias, particularmente o triunfo da Revolução Russa, e os primeiros impactos da Revolução Mexicana, enquanto

19 *Variedades*, Lima, 9 de janeiro de 1926.

20 Cf. “Mariátegui explica su artículo de *Nuestra Época*”. *El Tiempo*, Lima, 27 de junho de 1918 (Mariátegui, 1994, p.2543).

21 Considerado um dos principais escritores peruanos e um crítico da “República Aristocrática” e do controle aristocrático e político da produção literária peruana nos primeiros anos do século XX (cf. Bernabé, 2003, p.42-43), Abraham Valdelomar trabalhou com Mariátegui em *La Prensa*. Além de nutrirem grande amizade, escreveriam conjuntamente uma adaptação teatral de um dos textos de Valdelomar, *La Mariscal*.

22 Apesar de seu *ethos* revoltoso, *Colónida* não representou um projeto com claras consequências estéticas e políticas. Mariátegui, anos depois, denunciaria a ineficiência da crítica antielitista do movimento, bem como sua negação e ignorância da política (cf. Mariátegui, 2007, p.235).

23 Fundado em 14 de julho de 1916.

se estendiam as lutas operárias e a influência do anarquismo e do anarcossindicalismo, e os jovens das novas camadas médias intelectuais começavam a enfrentar a educação oligárquica na universidade (Ibid.)

O periodismo tornava-se, assim, porta de entrada para um olhar mais agudo sobre os problemas políticos e sociais peruanos, e também do mundo.

### **Misticismo e religiosidade**

Em 1916, além de se engajar no jornalismo político, Mariátegui também publicou um soneto que expressa muito de seu misticismo, sempre presente em sua adolescência. Ele não estava isolado em seus questionamentos místicos: Flores Galindo comenta que Juan Croniqueur era fiel ao seu tempo. O Peru, de fato, apresentou entre seus pilares intelectuais um crítico voraz da religião, González Prada. A poesia de Alberto Hidalgo também se aproximava desta orientação. Mas a religiosidade permeava a vida cotidiana de todas as classes no Peru, inclusive entre intelectuais como Abraham Valdelomar, César Vallejo e Aguirre Morales. Mariátegui viveu com maior intensidade sua experiência mística – aqui entendida como a relação pessoal, individual e solitária com Deus. Um episódio que explicita suas preocupações místicas é o da ida ao Convento de los Descalzos, em fevereiro de 1916, durante as festividades de carnaval. Em meio à solidão e orações, escreve dois sonetos: “La voz evocadora de la capilla” e “Elogio de la celda ascética”,<sup>24</sup> um de seus poemas mais célebres (Mariátegui, 1994, p.2178):

Piedosa cela, guardas aromas de breviário,  
tens a misteriosa pureza da cal  
e habita em ti a recordação de um Grande Solitário  
que se purificara do pecado mortal.

Sobre a mesa rústica dorme um devocionário  
e diz evocações a estampa de um missal:  
Santo Antônio de Pádua, exangue e visionário  
tem o místico sonho do Cordeiro Pascal.

Cristo Crucificado chora ingratos desvios.  
Mira a cabeça com seus olhos vazios  
que fingem, nas noites, uma inquietante luz.

E, no rumor do campo e das orações,  
fala à melancólica paz dos corações  
a solidão sonora de São João da Cruz.

<sup>24</sup> Publicado em *El Tiempo*, Lima, 28 de agosto de 1916.

A este modo de expor suas angústias místicas, poderíamos acrescentar outros textos, como “La plegaria del cansancio” e “Plegaria nostálgica”, também escritos em 1916. Literatura e religião confluíam em seus escritos, na medida em que buscava expressar suas impressões místicas, seus atos de fé.

Além de Flores Galindo, outros escritores como Guillermo Rouillon, Anibal Quijano e, mais recentemente, Monica Bruckmann atribuem a fé religiosa de Mariátegui à influência materna. Robert Paris (1981a, p.28-29) credita a seu misticismo um conteúdo mais literário. Leila Escorsim argumenta que, “em busca de Deus”, ele voltou-se menos para uma forma qualquer de teísmo (ou de salvação pessoal) do que para o aspecto estético da experiência religiosa. Esse aspecto não se resumiria ao fenômeno religioso, mas corresponderia a uma posição global diante da vida, “um traço característico do anticapitalismo romântico,<sup>25</sup> com todas suas consequências político-sociais” (Escorsim, 2006, p.56). O argumento de Escorsim se baseia, especialmente, em outro famoso texto publicado em 1917, acerca das festividades do Senhor dos Milagres. Mariátegui ali presta especial atenção às manifestações populares e ao comportamento das massas em face de tradições culturais e religiosas.

Um interessante exemplo está em sua “Carta a un poeta”,<sup>26</sup> dirigida a Alberto Hidalgo, onde exalta as benesses e os progressos do século, reconhecendo na postura “insolente e audaz” de Hidalgo um aspecto ao qual o país não está acostumado: despojar-se da modéstia e enfrentar os riscos de se considerar grande. Comentando a postura do poeta perante Deus, a crônica de Juan Croniqueur afirma:

Você não nega Deus, porém não o ama e tem ante ele um gesto rebelde, de anjo caído. Eu creio em Deus sobre todas as coisas e tudo o faço, devota e dedicadamente, em seu nome bendito [...]. Sou cristão, humilde e débil [...] e penso que Deus me assiste e consola quando o invoco. (Mariátegui, 1994, p.2523)

Mais adiante, completará: “[...] não creio na sinceridade de sua apóstrofe a Deus e o exorto para que disto tenha arrependimento e contrição que lhe devolvam ao doce aprisco católico em que me sinto tão a gosto e regalo” (Mariátegui, 1994, p.2523). Tais declarações evidenciam uma identidade religiosa que Mariátegui, aparentemente, nunca desejou ocultar. De modo que, ao observarmos sua análise da procissão do Senhor dos Milagres, podemos enxergar suas preocupações estéticas, mas também reconhecer fundamentos místicos que não são alheios às suas preocupações intelectuais e que estão conectadas a sua formação familiar, o tempo histórico e a cultura da sociedade em que se situa.

25 O anticapitalismo romântico seria, para Escorsim, um traço característico do período juvenil de Mariátegui. A autora nega a leitura proposta por Michael Löwy, que propõe classificar o já maduro Mariátegui nos quadros de um “romantismo revolucionário” (Löwy, 1990, p.16). Para uma discussão mais aprofundada sobre o romantismo revolucionário de Mariátegui, cf. também Löwy (2005).

26 *La Prensa*, 1<sup>a</sup> de janeiro de 1917.

O primeiro artigo de Mariátegui (assinando Juan Croniqueur) sobre a manifestação popular do Senhor dos Milagres apontava a procissão como um dos últimos traços do passado tradicional peruano. Nela, a devoção dos limenhos à imagem do Cristo crucificado era justificada por sua identificação com a tradição e os costumes populares, por meio de um crescente entusiasmo com a festividade, um entusiasmo contrastante com o processo de “europeização” das classes dominantes peruanas<sup>27</sup> (Mariátegui, 1994, p.2355). Essa preocupação com o público se tornará mais clara, porém, no segundo texto<sup>28</sup> sobre o tema, publicado em abril de 1917, sob outro pseudônimo, El Cronista Criollo. Lima é lembrada como uma cidade católica, porém não fervorosa. Ali, a fé permanece pela sobrevivência da tradição e pelo temor de um desamparo misterioso: “Não é uma cidade sentimental. É só uma cidade medrosa”. Mas uma cidade que, por ocasião das festividades, testemunha uma intensa ressurreição de seu misticismo, sufocado pelo cotidiano moderno da cidade. E, nestes momentos, saltam aos olhos de Mariátegui as multidões movidas pelas tradições e as emoções que promovem:

As manifestações da fé de uma multidão são imponentes. Dominam, impressionam, seduzem, oprimem, enamoram, enternecem. A contemplação de uma multidão que invoca a Deus comove sempre com irresistível força e profunda ternura. O passo da procissão do Milagres pelas ruas de Lima produz uma emoção muito profunda na cidade, que se encontra com surpresa invadida por um sentimento ingênuo, sedante e religioso. (Mariátegui, 1994, p.2337)

Não apenas as multidões e as emoções, mas também o aspecto sacrificial dos rituais da procissão o comovem. A dor e a exaustão daqueles que carregam as imagens da procissão – homens negros, pertencentes às confrarias responsáveis pela condução dos símbolos católicos nas ruas de Lima – não são capazes de desanimar seus condutores, que nunca se queixam, mas sentem prazer e regozijo em seu trabalho, além da esperança de que o Senhor dos Milagres conduza, todos os anos, um deles ao céu (Mariátegui, 1994, p.2338).

Em meio a detalhes dos rituais envolvidos na procissão, das diferentes pessoas que saem às ruas, dos sentimentos ali presentes, Mariátegui traz à tona em seu premiado texto<sup>29</sup> o reconhecimento da força das tradições e dos mitos em sua condição de mobilizar multidões. Para além da resignação, enxerga a devoção profunda dos fiéis, o ânimo pela oportunidade de participarem da mobilização, de se extenuarem no transporte das imagens, flores e oferendas religiosas.

A importância deste texto deve ser considerada no conjunto dos escritos de Mariátegui naqueles anos. Oportunamente, ele publicava a respeito de festividade-

27 “La Procepción Tradicional”. *La Prensa*, 20 de outubro de 1914.

28 “La Procepción Tradicional”. *El Tiempo*, 10 de abril de 1917.

29 O artigo em questão rendeu a José Carlos Mariátegui o prêmio Municipalidad de Lima, oferecido pelo Círculo de Periodistas da cidade, em 1917, do qual ele seria eleito vice-presidente no mesmo ano.

des religiosas, especialmente contrastando-as com os aspectos “monótonos” da sociedade peruana e das grandes referências políticas e literárias da época. Antes de dar um passo mais efetivo rumo a um periodismo claramente contestador, Mariátegui tinha um razoável envolvimento com o mundo da alta sociedade de Lima, em certa medida fruto de suas incursões jornalísticas e literárias. Escrevia crônicas de festividades populares religiosas, mas também das corridas de cavalos e da monotonia dos hipódromos. O sentimento aristocrático, sua aparente elegância, em um ambiente intelectual permeado por decadentismo, ceticismo e individualismo, exercia fascínio sobre Juan Croniqueur.<sup>30</sup> Ficaria conhecido como um irônico comentarista da cotidiana realidade nacional.<sup>31</sup>

“La Procepción Tradicional”, por sua vez, parece já anunciar mudanças nas orientações políticas do autor, sinalizando os novos caminhos políticos que ele iria percorrer. Reconhecia a importância do misticismo para aquelas mobilizadas multidões das ruas de Lima, a vitalidade das tradições e dos sentimentos religiosos para as classes populares. Tratava-se de uma mais fina aproximação ao público, numa sociedade amplamente desigual.

Naquele ano de 1917, Mariátegui não seria lembrado apenas pela qualidade de seu trabalho como periodista, mas também pelo escândalo em que se envolveu, junto com colegas literatos e a bailarina Norka Rouskaya, na noite de 4 de novembro, em razão de uma intervenção artística protagonizada pelo grupo no cemitério de Lima. O episódio acabou em confusão e intervenção do prefeito e das forças policiais, que interromperam as atividades e detiveram seus promotores. No dia seguinte, a imprensa limenha evidenciaria a “escandalosa” iniciativa e a “profanação”: dançar no cemitério, qual fosse o motivo, se mostrava como uma inadmissível violação das regras religiosas e sociais.

Em resposta às acusações, coube a Mariátegui justificar-se com a defesa de sua fé e piedade religiosa: “peço que recorde que fiz, mais de uma vez, alarde de meu cristianismo, que escrevi versos místicos no Convento de los Descalzos, de onde me conduziu o mesmo movimento de especulação estética que me levou ao panteão”.<sup>32</sup> A situação, porém, culminaria em mais um passo rumo ao afastamento do ambiente aristocrático.

Enquanto isso, as lutas sociais tornavam-se cada vez mais intensas, e chegavam no Peru as notícias da Revolução de Outubro, na Rússia.

30 Rouillon procura apontar, por diversos momentos, o significado da sedução que o ambiente aristocrático exercia sobre o jovem José Carlos, devida especialmente ao seu anseio pela figura paterna, que jamais conheceu pessoalmente. Rouillon aponta, todavia, que as divergências de Mariátegui quanto à política oligárquica de José Pardo, ou à representação literária conservadora de Riva-Agüero, demonstram que, no fundo, a aspiração aristocrática de José Carlos era apenas um meio para se chegar ao pai, mas não para identificar-se com tal valor classista e anacrônico (Rouillon, 1975, p.132).

31 Nota preliminar de entrevista concedida por José Carlos Mariátegui: “Instantaneas”. *Varietades*, Lima, 26 de maio de 1923 (Mariátegui, 1987b, p.138).

32 “El asunto de Norka Rouskaya / Palabras de justificación y de defensa”. *El Tiempo*, 10 de novembro de 1917. Citado em Flores Galindo, 1982, p. 136.

## Preparando a idade futura da humanidade

Em 1917, grande parte dos textos de Mariátegui publicados em *El Tiempo* foram consagrados à política nacional. Através da coluna “Voces”, ele narrava com fina ironia o cotidiano dos políticos do país, não se restringindo mais apenas à crônica parlamentar. Ele ultrapassou assim definitivamente o absenteísmo do grupo *Colónidaethos* (Escorsim, 2006, p.65).

O periodismo começa a ser enxergado por Mariátegui como veículo de expressão de um novo olhar crítico sobre a sociedade, abraçando uma tendência já vislumbrada por outros colegas de redação, como César Falcón e Félix del Valle, que a este tempo já estavam interessados em acompanhar as lutas sociais e em instruir-se acerca das ideias socialistas – provavelmente exercendo influência sobre Mariátegui nestes anos, especialmente Falcón (Quijano, 1982, p.38). Se Mariátegui e Falcón haviam deixado *La Prensa* por conta de divergências políticas em relação à orientação governista assumida pelo periódico, por sua vez *El Tiempo* já não mais aceitava tolerar a radicalização política que os periodistas ousavam assumir. O jornal fora criado para enfrentar o governo de José Pardo, através de uma aliança que unia antigos adeptos de Billinghurst e os novos seguidores de Augusto Leguía. Em sua redação convergiam correntes positivistas e liberais, leguístas e billinghurstistas e, mais debilmente, a influência de González Prada e as primeiras ideias socializantes (Quijano, 1982, p.37). Percebia-se, assim, que o periódico apresentaria limites à tentativa de dar voz às inquietações populares mais radicais da época. A necessidade de ultrapassar estas fronteiras colocava para Mariátegui a importância de buscar um meio alternativo de expressão de suas preocupações sociais e posições políticas.

Em 1918, ele iniciou seus estudos sobre as ideias socialistas, junto a um grupo de jovens intelectuais sob a orientação de Victor Maúrtua (1867-1937). Envolvidos no clima político da Revolução Russa de 1917, o grupo promove leituras de trabalhos de Hegel, Marx, Engels, Henri Bergson, Georges Sorel, Antonio Labriola, Miguel de Unamuno, Luis Araqustain, Henry Barbusse, Romain Rolland, Jack London, colocando no centro do debate a necessidade de transformar o mundo e o crescente interesse por entender os grandes processos revolucionários que vivia a humanidade neste período histórico (Bruckmann, 2009, p.28). A importância destes estudos se concretiza na elaboração de uma consciência política que passa a se distanciar das influências anarquistas da época. Em pouco tempo, esses jovens conformarão um comitê com o objetivo de organizarem um partido socialista, disposto a impulsionar e contribuir com as lutas proletárias, material e culturalmente.

Foi neste ano que, inspirados pelas novas ideias, Mariátegui, Falcón e outros colegas decidiram publicar a revista *Nuestra Época*. O editorial de seu primeiro número, de 22 de junho de 1918, assinado por Mariátegui e Falcón, assim justificava a empreitada: “cremos que começa conosco uma época de renovação que exige que as energias da juventude se coloquem a serviço do interesse público”.

Tratava-se da primeira tentativa de Mariátegui de construir um periodismo independente, orientado para a análise da realidade nacional e para a afirmação da renovação. Cumpria-se um momento de mudança de consciência política. A partir daquele momento, renunciou também ao pseudônimo Juan Croniqueur, rompendo com o esteticismo e os valores aristocráticos, para buscar novas ferramentas de compreensão dos fenômenos sociais e dos processos revolucionários em curso no mundo (Bruckmann, 2009, p.29-30).

*Nuestra Época*, porém, publicou apenas dois números. O artigo “Malas Tendências”,<sup>33</sup> que preconizava o afastamento dos militares da política e a priorização dos investimentos públicos em educação e trabalho e não na militarização do país (Mariátegui, 1994, p.2540-2542), bastou para suscitar a cólera de oficiais, que atacaram as gráficas de *El Tiempo*, onde *Nuestra Época* era impresso. O mal-estar provocado pela reação dos oficiais repercutiu em todo o país, conduzindo à renúncia do Ministro de Guerra (Rouillon, 1975, p.220) e aprofundando as tensões de Mariátegui e seus companheiros com a direção de *El Tiempo*, que não permitiu mais a impressão da revista em sua gráfica.

Mariátegui e Falcón decidem construir um novo diário, que permitisse a difusão de suas posições políticas, de modo independente: *La Razón*. Entre o fim de *Nuestra Época* e o lançamento de *La Razón*, o Peru foi agitado, no final de 1918, por uma importante greve de trabalhadores têxteis que reivindicava aumentos salariais e a definição da jornada de oito horas de trabalho. As reivindicações se alastraram por outros setores da indústria e lograram também o apoio de grupos estudantis, como a Federación de Estudiantes del Peru, da qual participava o então estudante Victor Raúl Haya de la Torre.<sup>34</sup> A crescente mobilização, que caminhava para a organização de uma greve geral, é enfrentada pelo governo de José Pardo com fortes ações repressivas que transformam as ruas de Lima em campos de batalha, com trabalhadores mortos e vários feridos. Na coluna “Voces”, ainda em *El Tiempo*, Mariátegui publica diversas notas de solidariedade ao movimento de trabalhadores e, junto a Falcón, converte o diário em importante meio de informações e difusão das reivindicações do movimento paredista, mas o diário logo foi fechado por ordem do governo de Pardo, sob a acusação de estimular as classes populares à adoção de “atitudes extremas”<sup>35</sup> (Rouillon, 1975, p.239).

33 *Nuestra Época*, 22 de junho de 1918.

34 Haya de la Torre viria a se tornar, nos anos seguintes, uma das principais lideranças políticas peruanas. Foi dirigente das Universidades Populares González Prada, onde Mariátegui ministrou suas conferências sobre a “história da crise mundial”, entre 1923 e 1924. Exilado por Augusto Leguía em outubro de 1923, Haya de la Torre passa a atuar pela articulação da Alianza Popular Revolucionaria Americana (Apra). Mantendo um núcleo anti-imperialista em seu pensamento político, Haya gradualmente se afasta das orientações comunistas, passando a defender um “nacionalismo radical”. Tais mudanças, além de divergências sobre estratégias políticas, culminariam em uma ruptura política entre Haya e Mariátegui no ano de 1928. O afastamento de Mariátegui da Apra abre espaços para que se inicie o processo de constituição do Partido Socialista Peruano, fundado no mesmo ano (cf. Aricó, 1987, p.444-445; Bruckmann, 2009, p.76-77).

35 Nota publicada sob o título “El Paro General”, em *El Comercio*, Lima, 14 de janeiro de 1919.

Apesar das medidas repressivas, a greve assume contornos insustentáveis para a manutenção das posições do governo, o qual, no dia 15 de janeiro de 1919, decreta a jornada de oito horas. Mariátegui, impedido de escrever por conta da censura a *El Tiempo*, participa ativamente das ações grevistas e se aproxima cada vez mais dos trabalhadores organizados. A greve “vitoriosa”<sup>36</sup> representaria um importante fato na história dos trabalhadores peruanos, marcando o ano de 1919 como um ano de avanços na organização de suas lutas, na construção de vínculos com outros setores sociais, como o movimento estudantil, e na elaboração de ricos processos de conscientização e formação.

Com o fim da greve e a reabertura de *El Tiempo*, as divergências de propósitos tornam impossível a permanência de Mariátegui e Falcón no periódico. Após a direção do jornal recusar uma oferta dos articulistas para a compra do diário, eles decidem fundar outro jornal, *La Razón*,<sup>37</sup> lançado em 14 de maio de 1919. Apesar dos recursos limitados, *La Razón* já era aguardado com expectativa, devido ao prestígio de seus editores. Em sua edição inaugural, Mariátegui justifica o empreendimento:

Nosso propósito substantivo consiste em contemplar todos os fatos e todas as situações com elevação de conceito e de palavra, em dizer sempre a verdade, em empregar os caminhos mais realistas para chegar até ela, em denunciar e combater os vícios de nosso regime político e social, em trabalhar pelo advento desta era de democracia que tanto anseia nosso povo, em defendermo-nos da influência dos preconceitos que servem, de partida, ao critério *criollo* e em difundir, sem se esquecer da realidade nacional, as ideias e as doutrinas que comovem atualmente a consciência do mundo que preparam a idade futura da humanidade.<sup>38</sup> (Mariátegui, 1994, p.2548)

Defendendo os princípios da independência política (diante da conjuntura de disputas partidárias que se formava no Peru), o compromisso doutrinário e de ideias patrióticas e a difusão de ideias que preparam “a idade futura da humanidade”, *La razón* rapidamente se torna o principal meio de informação e articulação do movimento sindical, estudantil e popular. Em suas oficinas de redação circulam dirigentes e ativistas de diferentes movimentos sociais de Lima e do resto do país, como Adalberto Fonkén e Nicolás Gutarra, militantes operários anarquistas, e o dirigente estudantil Haya de la Torre. Tal espaço propiciava um ambiente de troca de experiências e ricos debates sobre a política e as lutas sociais do país.

36 Segundo Paris (1981a, p.90), o decreto nunca foi concretamente aplicado pelo governo de Pardo.

37 O novo periódico conta com o apoio de alguns políticos liberais e com o apoio financeiro de um comerciante cubano. A dificuldade de encontrar uma gráfica para a impressão das edições foi superada através de um acordo com o Arcebispado de Lima, sob o compromisso de que o novo periódico não atacasse a Igreja (Bruckmann, 2009, p.35).

38 “Palabras Preliminares”. *La Razón*, 14 de maio de 1919.

O período de maio a julho de 2019 é de grande importância, quando se assiste a novas mobilizações dos trabalhadores em defesa da redução do custo de vida e pela denúncia da escassez de subsistências que afetavam as famílias de trabalhadores do país, através do Comité Pro Abaratamiento de las Subsistencias, criado em abril de 1919. A nova resposta repressiva do governo de José Pardo, com mortos, feridos e presos, conduz os trabalhadores a decretarem nova greve geral, em 28 de maio de 1919, sem, no entanto, alcançar o mesmo sucesso de antes. Os estudantes, por sua vez influenciados pelo movimento de reforma universitária de Córdoba (Argentina), defendiam a modernização da universidade e se opunham ao tradicionalismo universitário sobre o qual se baseavam os grupos oligárquicos que dirigiam a política peruana, cujo centro encontrava-se na tradicional Universidad San Marcos. O ápice das lutas estudantis se dá na instalação de uma greve geral universitária de aproximadamente quatro meses (Paris, 1981b, p.96).

O papel cumprido pelo novo diário dirigido por Mariátegui e Falcón não passaria imune às ameaças políticas do período. A crítica ácida dos editores de *La Razón* à política local incomodava profundamente os políticos tradicionais. E quem daria a principal resposta aos jovens jornalistas seria Augusto Leguía, agora presidente do Peru, que havia assumido o posto após um golpe que destituiu José Pardo do poder, em 4 de julho de 1919.<sup>39</sup> O novo presidente – em seu segundo mandato – procuraria reforçar a ideia de que representava uma ruptura radical com a velha política, representada pelos civilistas. Assim como Billinghamurst, Leguía buscava ter sua imagem respaldada pelos movimentos populares que, pelos menos, em caráter temporário lhe responderam positivamente. Trabalhadores detidos nas manifestações de maio foram libertados pelo novo governo. *La Razón* seguia, porém, com uma linha editorial francamente crítica ao novo governante, respaldando-se no apoio cada vez maior que encontrava nos setores organizados dos trabalhadores.<sup>40</sup>

O ápice da crise entre o governo e o periódico foi a publicação de um comentário de César Falcón intitulado “La Patria Nueva”, em referência ao novo governo, e que carregava o subtítulo: “um pessoal senil e claudicante” (Rouillon, 1975, p.290). A crítica, dirigida às principais figuras do regime, acirrou os ânimos dentro do governo. O arcebispo de Lima, que alimentava boas relações com o

39 Leguía havia vencido as eleições presidenciais peruanas de maio de 1919, com vantagem sobre o candidato situacionista, Antero Aspíllaga. A lei eleitoral peruana, porém, previa que, caso a vitória não fosse por maioria absoluta, o parlamento tinha a prerrogativa de designar o novo presidente. O golpe teria funcionado, assim, como uma espécie de ato preventivo contra um parlamento de inclinação civilista. Proclamando-se “presidente provisório” e em seguida dissolvendo o parlamento, foi confirmado meses mais tarde como “presidente constitucional” (Paris, 1981b, p.102; Klarén, 2008, p.366).

40 Na ocasião da libertação dos trabalhadores presos em maio de 1919, o movimento sindical comemorou o episódio justamente nas dependências de *La Razón*, aclamando seus diretores. Paris (1981b, p.105) chega a citar a declaração de um destes presos, Nicolás Gutarra, em que dizia que o periódico em questão era o único que, em um clima de conservadorismo e em momentos difíceis, havia defendido as causas do povo.

governo, cancelou o contrato de impressão das edições de *La Razón*. Apesar dos esforços de Mariátegui e Falcón, o periódico não encontraria outra gráfica em que pudesse ser impressa. Em seguida, seus editores serão “convidados” pelo regime de Leguía para trabalharem como “agentes de propaganda” do governo peruano no exterior – o que, na verdade, nada mais era do que um exílio dissimulado.<sup>41</sup>

Em 8 de outubro de 1919, Falcón e Mariátegui embarcam rumo a Europa, com breve escala em Nova York. Falcón se dirigiria à Espanha; Mariátegui, à França e depois à Itália.

### Conclusões e observações

Buscamos mostrar a trajetória das ideias de José Carlos Mariátegui enquanto periodista na década de 1910, antes de seu exílio. Através de seus textos, o jovem Mariátegui procurou lidar com aspectos e sentimentos que permeavam os peruanos de seu tempo. Com suas poesias e crônicas, fez confluír sob sua pena anseios literários, angústias e emoções religiosas; somou-se a isso uma preocupação política incipiente que, com o passar dos anos e o envolvimento de Mariátegui com iniciativas inovadoras de contestação literária como *Colónida*, bem como sua dedicação à crônica parlamentar e aos debates políticos dos cafés, círculos sociais e redações em que trabalhou, se tornaria avançada e disposta à construção de um novo futuro para a humanidade.

Algumas observações. Primeiro, a percepção que ele desenvolveu a respeito da importância dos mitos e das tradições no interior das massas pode ser tomada como um ponto de partida que contribuiu para as futuras reflexões que tecerá a respeito da força “religiosa”, “mística”, dos socialistas revolucionários. O premiado texto de Mariátegui, de 1917, revela uma empatia singular do jovem escritor pelos setores populares que, especialmente, compõem a celebração do Senhor dos Milagres. Não obstante, é necessário considerar que suas preocupações em distinguir a “dimensão religiosa” da empreitada socialista e o racionalismo incrédulo da burguesia – incapaz de celebrar um mito que a mova na história – também serão amadurecidas no conjunto das leituras e dos aprendizados intelectuais que ele obterá em sua estadia na Europa, especialmente a partir do contato mais profundo com as ideias de Sorel e seu “sindicalismo revolucionário”.

Segundo, nota-se que nos textos publicados por Mariátegui em *Nuestra Época* e *La Razón* o tema religioso não é lembrado. Mas é necessário recordar a gravidade do momento histórico vivido especialmente no ano de 1919, em que o envolvimento político do jovem escritor através de *La Razón* assumiu feições inéditas. Certamente isto exemplifica uma mudança de prioridades temáticas e de

41 Cita Rouillon (1975, p.310) uma declaração de Falcón: “Um parente seu (referindo-se a Leguía) foi nos ver e falou a sós com Mariátegui e comigo. Ao final, entendemos esta frase sem equívocos: ou fora do país, ou no cárcere. Podíamos escolher; porém, não escolhemos. O governo escolheu por nós”.

preocupações pessoais, fortemente simbolizadas no momento em que já não mais assina seus artigos sob a firma de Juan Croniqueur, mas propriamente como José Carlos Mariátegui, em busca por um jornalismo independente e politicamente engajado em um novo projeto político e de sociedade para o Peru. Não significa, porém, o abandono ou o desprezo pelo tema religioso, que se fará presente tanto nos escritos de seu exílio na Itália,<sup>42</sup> quanto após seu regresso ao Peru.

Por fim, devemos ser cuidadosos a respeito dos primeiros contatos de Mariátegui com as ideias socialistas. É admissível que ele já estivesse disposto a lidar com novas ideias e projetos políticos de caráter socializante e democrático, mas é inseguro afirmar que já tivesse clara consciência de suas ideias socialistas. Essa suposição é defendida por estudiosos como Diego Messeguer Illán (1974, p.57), que afirma que, apesar de indicações em defesa de novos ideais, a ideologia de Mariátegui ainda não está clarificada, o que só ocorrerá a partir de sua estadia europeia; por sua vez, Quijano (1982, p.39) dirá que suas ideias correspondem, naquela época, a uma orientação democrática radicalizada por elementos socializantes. Essas observações não rebaixam, evidentemente, o compromisso assumido por ele com os trabalhadores organizados. Elas explicitam a transformação de seus objetivos políticos, sua “opção de classe”, sem nos permitir afirmar que ele já tivesse em mente, na época, um projeto político concreto e referências socialistas consolidadas em seu pensamento.

## Referências bibliográficas

- ARICÓ, José. O marxismo latino-americano nos anos da Terceira Internacional. In: HOBSBAWM, Eric (org). *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, v.8.
- BEIGEL, F. *La epopeya de una generación y una revista: las redes editoriales de José Carlos Mariátegui en América Latina*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2006.
- BERNABÉ, M. Dandismo y rebeldía en el Perú: el caso de Abraham Valdelomar. *Iberoamericana* (2001-), v.3, n.11, p.41-63, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Estrategias de la bohemia y el dandismo en la literatura peruana de principios del siglo XX: José Carlos Mariátegui, Abraham Valdelomar y José María Eguren*. 2004. Tese de Doutorado – Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2004.
- BLANCHARD, P. *The Origins of the Peruvian Labor Movement, 1883-1919*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1982.
- BRUCKMANN, M. *Mi sangre en mis ideas: dialéctica y prensa revolucionaria en José Carlos Mariátegui*. Caracas: Editorial el perro y la rana, 2009.
- BURGA, M.; FLORES GALINDO, A. *Apogeo y crisis de la republica aristocratica*. Lima: Rikchay Peru, 1981.
- CHAVARRÍA, J. The intellectual and the crisis of modern peruvian nationalism, *The Hispanic American Historical Review*, v.50, n.2, p.257-278, maio 1970.
- ESCORSIM, L. *Mariátegui: Vida e Obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

42 Cf. Melo (2016).

- FLORES GALINDO, A. *La agonía de Mariátegui: la polémica con la Komintern*. Lima: DESCO, 1982.
- HALE, C. As ideias políticas e sociais na América Latina, 1870-1930. In: BETHELL, L. (org.). *História da América Latina*. Tradução Geraldo Gerson De Souza. 1.ed. São Paulo; Brasília: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Alexandre Gusmão, 2009. v.IV: 1870 a 1930. p.331–414.
- KLARÉN, P. P. As origens do Peru moderno, 1880-1930. In: BETHELL, L. (org.). *História da América Latina*. Tradução Geraldo Gerson De Souza. 1.ed. São Paulo; Brasília: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. v.V. p.317–376.
- LÖWY, M. *Romantismo e messianismo: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- \_\_\_\_\_. Mística revolucionária – José Carlos Mariátegui e a religião. *Estudos Avançados*, v.19, n.55, p.105-116, 2005.
- MARIÁTEGUI, J. C. *El alma matinal y otras estaciones del hombre de hoy*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1987a.
- \_\_\_\_\_. *La novela y la vida*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1987b.
- \_\_\_\_\_. *Mariátegui total*. Lima: Biblioteca Amauta, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Do sonho às coisas: retratos subversivos*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- \_\_\_\_\_. *7 Ensayos de interpretación de la realidad peruana*. [S.l.]: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2007.
- MELO, S. Mariátegui e os populares, *Outubro*, n.26, p.145-167, jul. 2016.
- MESSEGUER ILLÁN, D. *José Carlos Mariátegui y su pensamiento revolucionario*. Lima: IEP Ediciones, 1974.
- PARIS, R. *La formación ideológica de José Carlos Mariátegui*. Mexico, D.F.: Siglo XXI, 1981a.
- \_\_\_\_\_. La formación ideológica de Mariátegui. In: PODESTÁ, B. (org.). *Mariátegui en Italia*. Lima: Editora Amauta, 1981b. p.79-108.
- QUIJANO, A. *Introducción a Mariátegui*. 1. ed. México D.F.: Era, 1982.
- RODÓ, J. E. *Ariel*. Campinas: Ed. Unicamp, 1991.
- ROUILLON, D. G. *La creación heroica de José Carlos Mariátegui – La edad de piedra, 1894-1919*. Lima: Editorial Arica, 1975.
- TAURO, A. Estudio preliminar. In: MARIÁTEGUI, J. C. *Mariátegui total*. Lima: Biblioteca Amauta, 1994. p.2115-2171.
- WIESSE, M. *José Carlos Mariátegui: etapas de su vida*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1988.

## Resumo

José Carlos Mariátegui é conhecido por sua liderança e produção intelectual na década de 1920. Tem, no entanto, uma história de intensa atividade jornalística registrada nos anos de 1910. Este artigo explora sua biografia e seus escritos do período, buscando compreender a importância das questões e ideias que apresenta nestes textos, atravessados por temas como literatura, religiosidade e política, e

sua relação com o contexto político peruano, em que Mariátegui assume, progressivamente, posições cada vez mais radicais e críticas às lideranças políticas e governamentais de seu tempo.

**Palavras-chave:** Mariátegui, José Carlos, 1894-1930; religião e política; movimento operário – Peru; Peru – política e governo; jornalismo e política – Peru.

### **Abstract**

José Carlos Mariátegui is usually known for his leadership and written work in the 1920's. However, he has an intense journalistic activity in the 1910's. This article explores his biography and writings of this period to understand the importance of questions and ideas presented in his texts – containing themes such as literature, religiosity and politics – and their relation with the Peruvian political context, in which Mariátegui progressively assumes even more radical and critical positions against the political and governmental leaders of his time.

**Keywords:** Mariátegui, José Carlos, 1894-1930; Religion and politics; Labor movement – Peru; Peru – politics and government; Journalism and politics – Peru.